

## ESBOÇO DE UMA HISTÓRIA DA TRADUÇÃO NA ÁFRICA

### *ESQUISSE D'UNE HISTOIRE DE LA TRADUCTION EN AFRIQUE*

### *OVERVIEW OF THE HISTORY OF TRANSLATION IN AFRICA*



Paul F. BANDIA

Professor de francês e de Estudos da Tradução

Universidade de Concordia

Departamento de Francês

Montréal, Québec, Canadá

<https://www.concordia.ca/faculty/paul-bandia.html>

<https://orcid.org/0000-0001-9249-3620>

[bandia@alcor.concordia.ca](mailto:bandia@alcor.concordia.ca)

#### **Traduzido por:**

Joicyane Carolaine das Mercês SANTOS

Graduanda

Instituto de Letras

Departamento de Línguas Modernas

Bacharelado em Letras Portugêses-Francês

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/0235842400908500>

<https://orcid.org/0000-0003-4144-9341>

[joicyanejccarolaine@gmail.com](mailto:joicyanejccarolaine@gmail.com)

#### **Revisão de tradução:**

Patricia Chittoni Ramos REUILLARD

Professora-titular

Instituto de Letras

Departamento de Línguas Modernas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/1709051996388451>

<https://orcid.org/0000-0002-3643-3209>

[Patricia.ramos@ufrgs.br](mailto:Patricia.ramos@ufrgs.br)

1

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo esboçar uma história da tradução na África subsaariana, abrangendo os períodos-chave de sua história e as principais regiões do continente. Desde a era pré-colonial até o atual período neocolonial, a tradução e a interpretação sempre auxiliaram na facilitação da comunicação entre diversos grupos, estabelecendo vínculos seja entre soberanos e súditos, colonizadores e colonizados, ou, atualmente, entre as comunidades linguísticas de uma África altamente multilíngue e multicultural. A tradução desempenhou um papel importante em todos os setores de atividade na África ao longo dos séculos, tanto no âmbito político quanto no administrativo, cultural e religioso. Nesse contexto, a tradução ocorreu entre várias combinações de línguas: árabe, línguas africanas e línguas europeias. Também incluiu formas tradicionais de tradução intersemiótica. Traçar uma história da tradução na África significa apresentar a história rica e complexa deste continente, destacando todas as trocas e contatos que moldaram sua identidade e definiram seu destino.

**Palavras-chave:** África subsaariana. Tradução pós-colonial. Tradição oral. Línguas vernáculas. Tradutores-performáticos.

**Résumé :** Cet article a pour but de dresser l'esquisse d'une histoire de la traduction en Afrique subsaharienne qui couvre les périodes-clé de son histoire ainsi que les principales régions du continent. De l'époque précoloniale à l'époque néocoloniale actuelle, la traduction et l'interprétation ont toujours aidé à faciliter la communication entre divers groupes, que ce soit pour faire le lien entre les souverains et leurs sujets, entre les colonisateurs et les colonisés ou encore, aujourd'hui, entre les communautés linguistiques d'une Afrique hautement multilingue et multiculturelle. La traduction a touché tous les secteurs d'activité en Afrique au cours des siècles, tant sur le



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

*This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.*

---

*plan politique qu'administratif, culturel et religieux. Dans ce contexte, la traduction s'est faite entre diverses combinaisons de langues : arabe, langues africaines et langues européennes. On peut compter aussi des formes traditionnelles de traduction intersémiotique. Tracer une histoire de la traduction en Afrique c'est présenter l'histoire riche et complexe de ce continent, de tous les échanges et contacts qui ont forgé son identité et défini son destin.*

**Mots-clés :** *Afrique subsaharienne. Traduction postcoloniale. Tradition orale. Langues vernaculaires. Traducteurs-performeurs.*

**Abstract:** *This paper aims to present an overview of the history of translation in Sub-Saharan Africa, and attempts to cover the major periods of its history and the main regions of the continent. From precolonial times to today's neocolonial period, translation and interpreting have always played a major role in enabling communication between disparate groups such as between kings and their subjects, colonizers and colonized, or in more contemporary times, between linguistic communities in a highly multicultural and multilingual Africa. Over the centuries, translation has been involved in many key sectors of activity in Africa ranging from politics and administration to culture and religion. Translation in this context has involved a great variety of language combinations between African languages, European languages, and Arabic, as well as some traditional forms of intersemiotic translation. The history of translation in Africa reflects the rich and complex history of the continent and the various linguistic and cultural contacts and exchanges that have shaped and defined its destiny.*

**Key words:** *Sub-Saharan Africa. Postcolonial Translation. Oral Tradition. Vernacular Languages. Performative Translators.*

---

## ESBOÇO DE UMA HISTÓRIA DA TRADUÇÃO NA ÁFRICA<sup>1</sup>

**A**s primeiras tentativas de elaborar uma história geral da tradução na África ocorreram na década de 1990, no âmbito de projetos de grande porte subsidiados pela UNESCO sob a égide da Federação Internacional de Tradutores (FIT). Esses esforços resultaram, entre outros, no livro *Os Tradutores na História* (1995-2003), publicado, em sua versão original, pela editora da Universidade de Ottawa, sob a direção de Jean Delisle e Judith Woodsworth.<sup>2</sup>

Alguns trabalhos pontuais sobre tradução antropológica ou etnográfica, a transcrição da tradição oral ou a escrita evangélica em línguas africanas foram publicados anteriormente, mas não dentro de um quadro formal com o objetivo de desenvolver uma história da tradução na África. O livro de Delisle e Woodsworth tinha a ambição de abranger uma ampla gama de casos da história da tradução em todo o mundo. Há alguns trechos sobre a África, mas estes não refletem adequadamente a riqueza e complexidade da história da tradução neste continente. Até onde sabemos, ainda não existe um livro sobre a história geral da tradução e interpretação na África, além de alguns artigos e trabalhos que tratam de casos específicos ou práticas específicas em determinadas regiões.<sup>3</sup>

Enfatiza-se, por fim, que a história da tradução como um campo de pesquisa e ensino nos Estudos da Tradução é relativamente jovem e ainda está tentando definir seus objetivos e metodologia. Isso pode explicar a dificuldade em constituir a história geral de todo um continente.

Este artigo pretende ser um esboço de uma história geral da tradução e interpretação na África. Ele abordará as épocas-chave e os eventos importantes que marcaram a história desse continente. Tentaremos situar essa história para além das particularidades regionais e fazer uma avaliação da situação da tradução e interpretação na África no início do século XXI. Essa história, assim como aquela do próprio continente, é longa e complexa, começando no período pré-colonial e continuando durante os períodos colonial, pós-colonial e neocolonial, várias décadas após as independências. Essas épocas-chave que marcaram profundamente a história do continente africano servem como pontos de referência para compreender as grandes transformações da atividade de tradução nesse continente. Traduzir é comunicar com o outro, o estrangeiro, cuja presença é evidente no termo “colonial”, que parece situar a história africana sempre em relação ao outro-colonizador ou ao outro-imperialista. Ainda, a história da tradução, pelo menos em seu aspecto de comunicação intercultural, não começa necessariamente com o

---

imperialismo do outro, pois muito antes da chegada dos árabes e depois dos europeus, já existiam diversas formas e práticas de tradução na África. A atividade de tradução na África subsaariana remonta tão longe quanto o próprio ato comunicativo. Diversos estudos demonstraram que o multilinguismo faz parte da essência da África subsaariana (Greenberg, 1955; Senghor, 1956; Armstrong, 1967). Dada a multiplicidade de comunidades étnicas e linguísticas na região, a tradução sempre existiu e continua fazendo parte do cotidiano. Não se trata, no entanto, de minimizar o impacto da interferência dos árabes ou da colonização europeia na atividade de tradução na África, pois elas marcaram profundamente a história do continente, tanto linguística quanto cultural. O impacto da colonização se estende bem além de sua época, uma vez que teve consequências nas práticas do período pós-colonial. Por outro lado, o período neocolonial da história da tradução na África é marcado por um profundo desejo de internacionalização da profissão de tradutor, que agora opera em um mercado globalizado.

Assim, a tradução desempenhou um papel importante na sobrevivência política, econômica e cultural dos povos da África em todas as épocas de sua história.

#### 4 **Período Pré-colonial**

As pesquisas no campo da história oral, especialmente os trabalhos de Vansina (1985), Bascom (1964, 1965), Finnegan (1970) e Okpewho (1992), forneceram informações valiosas sobre a história da tradução na África pré-colonial. Os missionários europeus e exploradores descreveram, também, alguns aspectos da tradição oral africana no período seguinte aos primeiros contatos entre a Europa e a África.

Dada sua natureza pré-histórica, ou seja, uma história de início quase totalmente não escrita, a antiga história da África foi transmitida sobretudo pela tradição oral, de geração em geração. Nessa tradição, a pessoa às vezes chamada de “linguista profissional” se aproxima, em certa medida, do tradutor/intérprete de hoje. Ele é, de certa forma, porta-voz oficial de uma aldeia ou etnia e acreditava-se que tinha um talento especial para narrar a história e a cultura, sendo assim encarregado de preservar a herança de seu povo. Em muitas sociedades africanas, o “linguista profissional” pertencia a uma linhagem de oradores talentosos, muitos dos quais trabalhavam nas cortes dos grandes reis dos impérios do Mali, do Zimbábue ou de Gana, entre outros. Esses linguistas desfrutavam de uma posição privilegiada na sociedade e de certo poder político, atuando como porta-vozes dos chefes e dos reis. Danquah (1928, p. 42) indica que não somente o “linguista” ashanti era responsável por repetir claramente as palavras de seu chefe para que o público entendesse, dando-lhe a autoridade necessária, mas também se esperava

dele o aprimoramento do discurso de um chefe sem eloquência. No entanto, em nenhuma circunstância deveria modificar o seu conteúdo. Ele poderia simplesmente alongar ou reestruturar frases enquanto inseria algum comentário ou reflexão humorística ou filosófica, toques que faziam com que o linguista e seu chefe fossem celebrados por sua engenhosidade. Entre as etnias que atualmente estão na esfera francófona, esses “linguistas” eram chamados de griôs. Os griôs eram reconhecidos por sua habilidade em falar várias línguas e, graças ao seu papel como intérpretes, a poesia de uma cultura podia ser difundida por uma vasta região, atingindo várias línguas e culturas. Deve-se aos griôs, na maioria das vezes, a sobrevivência dos relatos épicos africanos.

A linguagem altamente esotérica usada pelos chefes tradicionais ou sábios na África tradicional muitas vezes exigia a mediação de um intérprete para facilitar a comunicação entre o poder e o povo. Os intérpretes eram necessários, por vezes, para simplificar a linguagem usada pelos membros de sociedades secretas ou para enfeitar discursos proferidos em eventos públicos como sermões, invocações religiosas ou casamentos. A linguagem utilizada durante essas cerimônias seguia convenções de estilo rígidas e uma fraseologia preestabelecida, incorporando provérbios e palavras de sabedoria desconhecidas pelos leigos. O papel de mediador entre as classes dirigentes e o povo desempenhado pelos intérpretes lhes conferia muito respeito nessas sociedades altamente organizadas e hierarquizadas. Entretanto, eles formavam uma classe à parte, que era temida e gerava desconfiança.

Uma outra forma de “tradução” difundida na África pré-colonial está associada à linguagem dos tambores e tam-tans. Este é um tipo de comunicação em que o instrumento é utilizado para transmitir uma mensagem no lugar da fala. Os instrumentos reproduzem o tom e o ritmo da fala. Considera-se isso uma forma de comunicação linguística, já que a mensagem pode ser “traduzida” usando palavras. Isso é possível porque as línguas africanas são línguas tonais e a linguagem dos tambores se baseia na estrutura tonal das palavras a serem transmitidas. Os tam-tans (ou às vezes o xilofone) são utilizados para se comunicar a distância, convocar uma assembleia da aldeia, anunciar um grande evento ou até mesmo dialogar com uma aldeia vizinha. Esse meio de comunicação permite a transmissão instantânea de mensagens por uma grande área, poupando os esforços que seriam necessários em uma situação de comunicação verbal ou escrita.

A África pré-colonial, sem dúvida, conheceu uma rica tradição escrita, embora os pesquisadores não concordem unanimemente sobre esse ponto. De fato, para alguns, a escrita da tradição oral só teria sido possível com a chegada dos árabes no século IX e dos europeus

---

no século XV. Entretanto, outros afirmam que muitas convenções de escrita já existiam na África muito antes dessas incursões estrangeiras. Eles mencionam as culturas alfabéticas do vale do Nilo, as civilizações núbica, faraônica, meroé, etíope e kush. Esse debate é importante porque poderia indicar a presença de documentos literários e científicos escritos e traduzidos na África muito antes da chegada de estrangeiros. Um sistema de escrita baseado em pictogramas era comumente usado na África pré-colonial, e os especialistas em história antiga da África muitas vezes se basearam no trabalho de especialistas capazes de decifrar essa forma de escrita. Uma grande parte da história antiga da África foi reconstituída a partir da tradução sistemática desses pictogramas para o alfabeto árabe ou romano. Esse tipo de tradução erudita ainda é praticado em algumas partes da África, apesar da presença de sistemas de escrita baseados em alfabeto romano ou árabe. Mveng (1980, 1990) faz referência às evidências de escrita pictórica entre os akan, os ashanti, os adinkra e os baulê de Gana, bem como entre os bamileke e bamum de Camarões e os baluba e bakuba do Congo (Zaire).

Acredita-se que os hieróglifos no Egito e as línguas amáricas da Etiópia foram escritos muito antes da chegada dos primeiros estrangeiros à África.<sup>4</sup>

## 6

### **Período Colonial (século XV – metade do século XX)**

O período colonial se inicia com o primeiro encontro entre africanos e europeus no século XV e termina com o movimento de descolonização da década de 1950, que antecedeu à independência dos países africanos. A história da tradução na África durante esse período abrange duas grandes fases: (a) a chegada dos europeus no século XV e o surgimento do comércio de escravos; e (b) o período conhecido como “pré-independência”, que começa no século XIX e é caracterizado pela divisão da África.

#### ***A chegada dos europeus***

Frequentemente, atribuem-se aos portugueses os primeiros contatos entre a Europa e a África Negra.<sup>5</sup> Marinheiros portugueses teriam alcançado o rio Senegal em 1445 quando buscavam uma rota marítima para a Índia. Embora os árabes já estivessem presentes no continente há vários séculos, a chegada dos europeus estimulou ainda mais as trocas comerciais que já existiam. Isso resultou em uma necessidade grande de tradutores e intérpretes para garantir a comunicação entre africanos de línguas diferentes, entre africanos e europeus, e entre africanos e árabes.

Depois de assegurarem sua presença no continente, os portugueses começaram a ensinar a escrita (em alfabeto romano) aos africanos. As primeiras traduções da literatura africana para línguas europeias foram feitas para o português. Há evidências históricas de que a literatura africana traduzida para o português alcançou seu apogeu no século XIX. Os primeiros missionários portugueses estavam empenhados em oferecer pelo menos educação primária aos africanos. Algumas escolas foram criadas pelos jesuítas, que ensinavam português e latim e demonstravam certo interesse pelas línguas africanas. Esses missionários rapidamente perceberam que poderiam difundir melhor o evangelho entre os africanos por meio das línguas locais. Isso os levou a desenvolver sistemas de escrita para essas línguas orais. Dicionários, gramáticas e catecismos surgiram em duas, três ou até mesmo quatro línguas. O trabalho dos portugueses e as escolas que fundaram inspiraram mais tarde o movimento literário conhecido como Grupo de 1880 (Hamilton, 1975). Esse movimento lançou uma revista bilingue (português/kimbundu) chamada “O Echo de Angola”, na qual foram publicados alguns dos primeiros textos traduzidos de uma língua europeia para línguas africanas. Do Grupo de 1880 surgiu um dos primeiros tradutores/terminólogos da África, Joaquim Dias Cordeiro Da Matta, autor de *Filosofia popular em provérbios angolanos*. Era uma coleção de provérbios e adivinhações kimbundu traduzidos para o português. Da Matta também publicou um dicionário kimbundu-português, considerado ainda hoje como um “monumento de erudição” (Hamilton, 1975, p. 15). Mesmo assim, a abordagem colonial assimilacionista e etnocêntrica adotada pelas autoridades portuguesas prevaleceu sobre todos esses trabalhos dos primeiros missionários católicos, que poderiam ter dado origem a uma próspera literatura africana se não tivessem sido suplantados por textos em línguas europeias mais tarde.

Alguns africanos que foram escravizados e depois escolarizados produziram trabalhos em latim considerados como traduções da tradição oral. Pode-se citar o caso de Juan Latino, um escravizado negro que passou a servir a um general espanhol em 1530 e tornou-se professor de latim na Universidade de Granada. A poesia panegírica que ele escreveu parece ser uma simples “transposição” do modelo africano de poema de elogio que ele teria adaptado ao contexto europeu. Latino escreveu principalmente em latim, como exigia a tradição da época. Apesar de ser escravizado, Latino, assim como muitos outros latinistas, contribuiu para o desenvolvimento da literatura e do pensamento clássicos. Esses fatos foram descobertos pelo pesquisador e historiador africano Cheikh Anta Diop em meados do século XX (ver Diop, 1974).

---

A tradição da escrita africana em latim começou a declinar no final do século XVI, à medida que o tráfico de escravos se intensificava e os negros eram frequentemente privados de educação. Algumas nações do Norte agora juntavam-se a esse comércio cada vez mais lucrativo. Os comerciantes holandeses tornaram-se especialmente ativos nesse comércio, e os poucos estudiosos de origem africana cujos trabalhos poderiam nos iluminar sobre a história da tradução nessa época receberam instrução principalmente em alemão e holandês. Esse é o caso de Amo, por exemplo. Nascido em 1703 no território da atual República de Gana, ele foi enviado para a Holanda por um pastor da Igreja Reformada Holandesa, onde um nobre alemão o protegeu e permitiu que estudasse na universidade sob a orientação de Christian Wolff, conhecido discípulo de Leibniz. Esse escravizado africano tornou-se assim um filósofo erudito que, dizem, sabia falar alemão, holandês, francês, latim, grego e hebraico. Depois de lecionar na Universidade de Wittenberg e na Universidade de Jena e de servir como conselheiro na corte de Frederico II da Prússia, Amo retornou à sua terra natal.

8

Além disso, Gérard (1986) menciona um alfabeto africano criado pelo sultão Njoya (1865–1933) do povo bamum de Camarões. O sultão tomou conhecimento do alfabeto árabe pelos comerciantes hauçá e pelos emirados fulani vizinhos. Com a chegada dos alemães em 1899, Njoya percebeu que os europeus tinham uma forma de escrita diferente. Admirado com esse meio de comunicação, ele pediu a alguns de seus conselheiros para criar um alfabeto iconográfico. Em 1918, já havia centenas de novos sinais com sentido fonético. Esse novo sistema foi usado para redigir um manuscrito de 548 páginas sobre a história e os costumes do povo bamum. Como muitos líderes na África tradicional, o sultão Njoya desejava uma linguagem secreta ou esotérica que fosse totalmente inacessível a seus súditos. Tendo aprendido um pouco de alemão, francês e inglês com missionários alemães da missão de Basiléia, ele criou uma nova língua a partir daquelas que tinha aprendido, atribuindo sentidos totalmente arbitrários às palavras e incorporando um vocabulário bamum cujo sentido também tinha sido modificado. O manuscrito sobre a história e os costumes bamum foi então traduzido para essa língua “privada”.

Foi por meio da tradução religiosa que as obras da tradição cristã, muçulmana e africana buscaram se impor. Assim, logo após sua chegada à África, os missionários europeus se envolveram na tradução do evangelho para as línguas africanas com o objetivo de difundir o cristianismo. Uma vasta empreitada de tradução religiosa em línguas africanas foi lançada. As primeiras traduções da Bíblia para as línguas africanas surgiram por volta do século XVII. Nama (1993, p. 420) observa que, por volta de 1658, a língua gem falada pelos ewé (República



do Benin) estava presente em um documento importante, a *Doctrina Cristiana*, manual para uso dos missionários. Entretanto, foi necessário esperar até o século XIX para que traduções da Bíblia em línguas africanas fossem publicadas em maior escala. Além disso, o retorno à África de alguns escravizados libertos contribuiu significativamente para a documentação e a escrita de textos ou narrativas em uma linguagem que é a base de uma variedade de crioulo chamado krio, falado na Libéria e na Serra Leoa. Esses escravizados libertos e seus descendentes contribuíram amplamente para a evangelização cristã da África Ocidental (ver Gérard, 1986).

Embora a presença do islã na África subsaariana remonte a cerca de 800 anos d.C., sua disseminação ocorreu apenas em árabe. Bem antes da chegada dos europeus, os berberes da África do Norte fizeram esforços consideráveis para disseminar o islã na África, o que provavelmente envolveu atividades de tradução entre o árabe e as línguas africanas. O Alcorão só foi traduzido para línguas africanas muito mais tarde, em um esforço para conquistar os corações e mentes das populações locais. Foi assim traduzido, entre outras línguas, para hauçá e iorubá. Acredita-se também que alguns textos islâmicos foram traduzidos para ajani (uma forma de iorubá escrito em alfabeto árabe) pelos grupos de líderes “malês”<sup>6</sup> e que algumas dessas traduções foram feitas muito antes da adoção do alfabeto romano. Surgiu então uma classe de africanos com pleno domínio do árabe e de uma ou várias línguas africanas, o que também contribuiu para o desenvolvimento da atividade de tradução nessas regiões.

No ramo da administração, havia duas tendências principais: a tradução puramente administrativa das necessidades civis e a tradução antropológica. Deve-se notar que um bom número de colonos administradores tinha paixão pela Antropologia, independentemente de sua vocação original. E mais, a Antropologia era vista como o meio de compreender e conhecer bem os nativos para governá-los melhor. A tradução antropológica era frequentemente realizada por nativos que eram solicitados pelos colonos como tradutores/intérpretes informantes. Esses tradutores autóctones eram chamados não apenas a traduzir ou interpretar elementos da tradição oral, mas também participavam da análise dessas tradições orais. Para registrar e transcrever esse discurso oral para a forma escrita, os intérpretes indígenas eram às vezes chamados a realizar uma performance desses “textos”, a fim de permitir ao antropólogo uma melhor notação das sutilezas da narrativa oral. Assim se desenvolveu uma classe de tradutores-performáticos cuja profissão persistiu até os dias atuais, especialmente com a chegada dos meios de comunicação em áudio e televisão.

---

## *A divisão da África*

A conferência de Berlim sobre a divisão da África subsaariana (1884–1885) marcou o início da colonização em larga escala do continente. A partir de 1890, a África foi dividida de acordo com as esferas de influência europeias, sem nenhuma consideração pelas fronteiras naturais ou étnicas. O surgimento de literaturas africanas em português, inglês ou francês é resultado da dominação colonial europeia que se seguiu a essa “afobação para a África”.

A história da tradução na África nesse período está intimamente ligada às políticas adotadas pelos governos coloniais europeus. Enquanto a França e Portugal adotavam uma política de assimilação dos “indígenas”, a Grã-Bretanha preferia o *indirect rule*, como abordagem indireta da administração e poder. Essas políticas podem explicar o mapa linguístico da África. Nas colônias francesas e portuguesas, a educação na língua vernácula era quase inexistente, enquanto nas colônias britânicas era encorajada, embora por razões de oportunismo.

A literatura em línguas vernáculas era principalmente incentivada por missionários protestantes, cujo objetivo principal era a conversão dos africanos ao cristianismo. Daquele período, permanece uma quantidade significativa de literatura em línguas africanas, com o único propósito de espalhar o evangelho. Todavia, nas regiões sob domínio britânico, uma tradição literária bilíngue surgiu muito cedo, com obras inicialmente em línguas vernáculas e, mais tarde, escritas em inglês.

Os franceses, por outro lado, estavam mais interessados em criar uma espécie de “França ultramarina”, onde os súditos civilizados deveriam se transformar em bons cidadãos franceses, dominando perfeitamente a língua e cultura francesas. As poucas tentativas de africanos de produzir obras em francês foram, no entanto, fadadas ao fracasso bem no início. Seu trabalho não era levado a sério porque se considerava que o francês deles não era perfeito. Essa atitude, adotada, entre outros, pela Academia Francesa, tornou mais difícil para os colonizados da África francesa “traduzir” sua tradição oral para o francês com a flexibilidade e engenhosidade de seus colegas anglófonos. Por consequência dessa época, existem muito mais obras de caráter local em inglês do que em francês.

A época colonial também marcou o declínio do “linguista profissional” ou do chamado griô. Antes reverenciado e temido por sua influência política, esse pioneiro da tradução e interpretação na África viu seu papel diminuído para o de simples guia para o mestre colonial. Seus serviços eram solicitados em expedições coloniais para “traduzir”, agir como mediador e aconselhar os colonos. Esperava-se que ele tivesse um conhecimento perfeito do território e a

---

resistência necessária para realizar essas longas viagens, muitas vezes perigosas. Embora ainda fosse respeitado por seus laços com os colonos europeus e seus conhecimentos (frequentemente rudimentares) de uma língua europeia, o linguista profissional muitas vezes era desdenhado pelas populações locais e até mesmo considerado um traidor por ter concedido aos colonos acesso aos segredos e tradições tribais. Ele não passava de uma peça a serviço dos colonos europeus, que podiam facilmente dispensá-lo assim que sua tarefa estivesse concluída.

No final do século XIX e início do século XX, houve na Europa uma onda de romantismo liberal e uma fascinação por todas as formas de simbolismo. Isso deu lugar a um renovado interesse pelas tradições orais de culturas não ocidentais (Horton, 1973). Como a maioria das sociedades pré-industriais, a África recebeu uma sucessão de pesquisadores ocidentais querendo estudar seu folclore. No entanto, suas fontes de dados sobre a tradição oral africana eram indiretas e inadequadas. Sem acesso às técnicas de gravação de hoje, eles tinham de confiar em transcrições pouco confiáveis das literaturas orais que estudavam. Essas transcrições muitas vezes eram o trabalho de alunos ou de africanos a serviço de europeus que não tinham o talento de oradores daqueles que produziram esses relatos. Frequentemente, as traduções e transcrições eram sujeitas a adaptações para satisfazer à sede de exotismo do público ocidental. Foi apenas no final do período colonial que a tradição oral africana se tornou acessível ao público de uma forma mais autêntica, graças ao trabalho de escritores africanos bilíngues e biculturais.

11

## **O Período Pós-Colonial**

O período das independências, nas décadas de 1950 e 1960, viu emergir uma nova etapa na história da tradução na África. Naquela época, três tipos principais de tradução eram praticados: a tradução religiosa, a tradução literária e a tradução administrativa para a função pública.

A tradução religiosa, que havia começado no período colonial, continuou no período pós-colonial. Os missionários europeus continuaram a aprender as línguas locais a fim de prosseguir com seu trabalho de evangelização, especialmente para traduzir a Bíblia e outros textos religiosos. Entre os pioneiros da tradução bíblica estão S. W. Koealle, J. F. Schon e o bispo nigeriano Samuel Ajayi Crowther, reconhecido por sua tradução da Bíblia para ibo e iorubá. Até o momento, a Bíblia foi traduzida para mais de cem línguas africanas. Os movimentos evangélicos, especialmente americanos, e grupos bem organizados e subsidiados, como a *The American Bible Society*, encarregados de traduzir os evangelhos para línguas

---

africanas ou línguas híbridas de grande circulação (como o *pidgin*, por exemplo), continuaram a percorrer o continente. O renomado linguista e teórico da tradução Eugene Nida é uma figura proeminente dessa organização e participou pessoalmente dessas atividades de tradução na África, mais recentemente em Edéa, Camarões (Nama, 1993, p. 420). Embora a maioria das traduções da Bíblia na África seja em línguas vernáculas, existem em várias regiões da África Ocidental também traduções em *pidgin*.

O período pós-colonial viu surgir uma nova classe de escritores africanos no final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Esses escritores dominavam perfeitamente a língua europeia em que escreviam e a linguagem da tradição oral africana da qual eram originários. Os relatos da tradição oral coletados durante o período colonial muitas vezes apresentavam um paradoxo para os tradutores, pois eram frequentemente produzidos por meio de escribas coloniais na linguagem da administração colonial. Os esforços dos colonos para traduzir e transcrever esses relatos produziram, na melhor das hipóteses, versões “colonizadas” dessa literatura. Desejando corrigir os erros do passado e fornecer uma visão mais precisa, uma nova geração de escritores africanos se comprometeu a “traduzir” alguns desses discursos da tradição oral africana para línguas europeias. Assim, entre eles encontram-se escritores da África francófona, como o poeta senegalês Birago Diop, conhecido por sua coleção de contos intitulada *Os novos contos de Amadou Koumba* (1980), e o marfinense Bernard Dadié, autor de *Lendas africanas* (1973), sem esquecer a epopeia *Shaka, o rei zulu*, traduzida pelo senegalês Léopold Sédar Senghor e a lenda de *Sundiata Keïta*.

Um fenômeno semelhante ocorreu na África anglófona. Na África Ocidental, por exemplo, Amos Tutuola, com *The Palm-Wine Drinkard and his Dead Palm-Wine Tapster in the Dead's Town* (1952), foi um dos primeiros a produzir esse tipo de obra de ficção. A palavra *drinkard* é uma forma alterada de *drunkard*, que significa “embriagado”. O autor tenta aqui imitar a linguagem de um bêbado iletrado. Em geral, essas obras de escritores africanos de língua inglesa e francesa são essencialmente traduções livres de discursos da tradição oral africana. Tutuola, por exemplo, fez uma tradução literal da mitologia iorubá para o inglês. O resultado do trabalho desse funcionário com apenas ensino fundamental foi uma curiosa mistura de padrões sintáticos iorubá e inglês, o que chamou a atenção dos leitores europeus.

Além de tais “traduções” da tradição oral africana, as obras de autores como Achebe, Senghor, Okara e Soyinka também foram traduzidas para várias línguas europeias. No entanto, a tradução literária não é lucrativa na África. Ocasionalmente, uma editora especializada em

---

literatura africana em línguas europeias recorre aos serviços de um tradutor, mas isso é bastante raro, e o trabalho muitas vezes é realizado por tradutores europeus em vez de africanos.

Por outro lado, a situação na África Oriental foi grandemente influenciada pelo que foi descrito como a tríplice herança dessa região: a África, o islã e a Europa. Embora tenha havido muitas traduções da tradição africana para línguas europeias, pouca literatura europeia foi traduzida para línguas africanas e quase nenhuma tradução ocorreu entre línguas africanas. A literatura etno-africana reflete as divisões étnicas na África Oriental, entre os quicuio, baganda, chagga, acholi e luo, que produziram literaturas claramente distintas. O ugandense Okot p'Bitek é bem conhecido por sua tradução do poema "Song of Lawino" que ele mesmo havia escrito em acholi para o inglês. Em seguida, o poema foi traduzido para o francês, espanhol e português. A obra de p'Bitek teve um impacto muito maior em sua tradução do que em sua versão original em acholi. Esse autor também é um eminente terminólogo que consegue tornar suas traduções do acholi acessíveis aos leitores de outras línguas, fornecendo um glossário analítico das palavras e expressões acholi que não têm equivalente em inglês.

O autor queniano Ngugi Wa Thiong'o, que escreveu em inglês por muitos anos, ficou frustrado com a incapacidade da língua inglesa de expressar as realidades e a essência de sua cultura. Decidiu, portanto, escrever apenas em sua língua materna, o quicuio, para depois traduzir ele mesmo suas obras para o inglês. É o caso, por exemplo, do seu último romance, *Devil on the Cross* (1980).

Também houve traduções entre línguas africanas e o árabe. O suaíli é essencialmente produto do contato entre o islã e a civilização banto. Muitos escritos em línguas africanas foram traduzidos para o suaíli. A herança afro-islâmica em suaíli foi traduzida para o inglês por pesquisadores como Lyndon Harries, James de Vere Allen, Ibrahim Shariff, Jan Knappert e outros (Gérard, 1986, p. 1049). Também houve traduções do inglês para o suaíli, incluindo a famosa tradução de *Julius Caesar* e *Merchant of Venice* de Shakespeare por Julius Nyerere (o presidente fundador da Tanzânia). Essas traduções foram aclamadas por um amplo público, já que o suaíli se tornou uma língua franca para mais de cem milhões de falantes na África Oriental. A importância dessa língua como franca em uma área tão vasta foi argumento de Minha (1970) a favor de uma literatura escrita em suaíli e da tradução das grandes obras da literatura mundial para essa língua. Diferentemente de outras regiões da África subsaariana, onde não existe uma língua local com alcance internacional tão grande, a África do Leste tem o privilégio único de ter o suaíli como uma língua internacional, desempenhando o papel que as línguas estrangeiras devem desempenhar no restante do continente.

---

Desde a independência, a tradução administrativa continuou a ganhar importância, à medida que os governos dos Estados africanos tentavam se adaptar a uma burocracia ocidental deixada como herança colonial. Enquanto a maioria dos países africanos conquistava a independência na década de 1960, eles se viram diante de situações linguísticas complexas que só ressaltavam a necessidade de recorrer a tradutores e intérpretes. A maioria desses países recém independentes já tinha um cenário linguístico multilíngue dentro de suas fronteiras, ao qual se adicionava uma, e por vezes duas, línguas coloniais. Estas, embora estrangeiras, tornavam-se línguas oficiais desses países. Ironicamente, enquanto poderíamos esperar, em uma situação pós-colonial, um aumento da tradução entre línguas africanas, pelo contrário, foi apenas em duas direções que a tradução se desenvolveu na África nesse período: das línguas africanas para as línguas europeias e vice-versa, e entre línguas europeias. Diante da necessidade de lidar com as relações internacionais e os mercados globais, os países africanos sentiram a urgência de se comunicar não apenas com outras nações do continente, mas também com o mundo inteiro, especialmente com as antigas metrópoles. Foi nesse contexto que a tradução entre línguas europeias se desenvolveu na África nos domínios das relações exteriores, administração, economia e cultura.

### **O Período Neocolonial**

O período neocolonial refere-se ao contexto atual na África, várias décadas após as independências. Muitas organizações econômicas e internacionais foram criadas para melhorar a cooperação entre os Estados africanos, aumentando assim a necessidade de recorrer a tradutores de línguas europeias. Quando a Organização da Unidade Africana (OUA) foi fundada, em 1962, o inglês, o francês, o português, o espanhol e, em menor medida, o árabe foram declarados línguas oficiais de trabalho. A decisão de usar línguas europeias em vez de línguas africanas como meio de comunicação entre os países membros foi severamente criticada por muitos, que viam nisso um sinal do destino que aguardava a África.

A Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) reúne 16 países que adotaram o inglês e o francês como línguas de trabalho. Outras organizações, como o Centro do Arroz para a África (ADRAO) e a Associação Internacional de Seguridade Social (AISS), para citar apenas duas, fizeram o mesmo. Essas organizações, quase sem exceção, contam principalmente com tradutores e intérpretes que trabalham em línguas europeias.

---

### ***Formação de tradutores***

Nos primeiros anos após as independências, os governos de estilo ocidental que estavam no poder em vários países africanos herdaram as línguas coloniais sem ter o pessoal ou a infraestrutura necessária para lidar com a imensa tarefa imposta pelo novo contexto linguístico. Muitas vezes, funcionários que mal haviam concluído o ensino fundamental e tinham conhecimento limitado das línguas europeias eram chamados para realizar traduções. Mas, com o tempo, tornou-se evidente que a quantidade de trabalho necessária e a importância de obter traduções de qualidade exigiam a formação de tradutores profissionais. Durante as duas primeiras décadas após a independência, os governos africanos subsidiaram os estudantes mais destacados de seus países, enviando-os para as melhores escolas de tradução da Europa e da América do Norte.

Camarões é um bom exemplo de como a formação de tradutores evoluiu desde a independência. Embora tenha adotado o inglês e o francês como línguas oficiais, Camarões é o único país africano com duas línguas europeias como oficiais. Assim, é frequentemente mencionado como o centro de tradução entre línguas europeias na África, frequentemente comparado ao Canadá, onde o francês e o inglês também são línguas oficiais. Todavia, por muitos anos, os tradutores camaronenses foram formados no exterior, na Europa e na América do Norte. Apenas recentemente, nos anos 1980, que a ASTI (Escola Superior de Tradutores e Intérpretes) foi fundada na Universidade de Buea, Camarões. Assim, o governo deixou de depender de escolas no exterior para formar seus tradutores e agora pode contar com a escola de Buea para formar profissionais conscientes dos problemas e necessidades específicas do contexto local.

Na Nigéria, onde a tradução ocorre principalmente entre o inglês e as línguas vernáculas locais, algumas universidades agora oferecem programas de tradução. A Universidade de Benin foi a primeira a lançar um programa de mestrado com opção em Estudos da Tradução. A Universidade de Lagos também oferece um programa de pós-graduação em tradução, onde os alunos podem escolher entre tradução literária ou tradução técnica. Outras universidades nigerianas continuam a oferecer diplomas em Tradução, principalmente entre as línguas nigerianas e o inglês.

A formação de tradutores é, portanto, um fenômeno relativamente recente na maioria dos países da África. Isso explica a escassez de tradutores bem formados e competentes. Simpson (1985, p. 107) cita um estudo comandado pela CNUCED (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) para avaliar a “necessidade de criar uma rede de

---

apoio à formação de tradutores, intérpretes e serviços linguísticos, e a viabilidade de estabelecer tal serviço se necessário”. Esse estudo recomenda, entre outras coisas, a criação de uma escola regional de tradução e interpretação.

As mudanças políticas recentes na África do Sul levaram à necessidade de reformular os programas de formação de tradutores no país. A constituição proposta pela ANC (Congresso Nacional Africano) para a África do Sul pós-*apartheid* reconhece 11 línguas oficiais, a maioria das quais são línguas africanas. No passado, as escolas de tradução preocupavam-se apenas com o inglês e o africâner. Os programas atuais devem levar em consideração as línguas africanas. Foi recomendado que os programas de tradução sejam locais de promoção do multilinguismo e que se busque eliminar os preconceitos linguísticos e as desigualdades sociais que marcaram tanto a África do Sul. Para isso, os tradutores devem ser formados não apenas no nível de graduação, mas em todos os níveis. Acredita-se que, ao adicionar um elemento de conscientização linguística ao currículo dos programas de tradução, será possível superar os preconceitos linguísticos e instaurar o respeito pelos direitos linguísticos de todos os cidadãos em uma sociedade democrática pós-*apartheid*. Crê-se também que inscrever esses direitos na Constituição levará a uma expansão e profissionalização dos serviços linguísticos no país. A interpretação comunitária também é encorajada, especialmente na área de saúde e serviços sociais, a fim de evitar a alienação dos falantes que não falam inglês ou africâner. A pesquisa terminológica desempenhará um papel cada vez mais importante, especialmente nos programas para tradutores que trabalham com línguas africanas (Kruger, 1994).

16

### ***O status dos tradutores***

O *status* do tradutor/intérprete passou por uma transformação completa desde a era dos griôs. Enquanto, no período pré-colonial, esse grupo era ao mesmo tempo respeitado e temido, o tradutor de hoje é percebido mais como um funcionário desiludido que trabalha sem reconhecimento pelo seu esforço. Só os intérpretes de conferências parecem desfrutar de alguma satisfação em seu trabalho, percorrendo o continente para participar de conferências internacionais. Pouco importa o país onde trabalham, os tradutores parecem, pelo contrário, se queixar do baixo *status* atribuído à sua profissão. Ihenacho (1985) cita, por exemplo, o caso da Nigéria, onde os cargos de tradutores e intérpretes no Ministério das Relações Exteriores foram abolidos. Prefere-se chamá-los de “Agentes de Assuntos Exteriores” porque esse título é mais prestigioso do que o de “mero” tradutor ou intérprete.



---

Na África do Sul, os tradutores profissionais, frequentemente chamados de “trabalhadores linguísticos” (*language workers*), são bastante respeitados. No entanto, eles ocupam, em geral, funções de relações públicas ou comunicação geral, especialmente no setor privado. Em Camarões, os tradutores e intérpretes são principalmente contratados pela Presidência e pela Assembleia Nacional da República. Eles desfrutam de um certo prestígio ligado ao fato de trabalharem tão próximos às arenas de poder e de ocuparem cargos considerados entre os melhores na função pública. No entanto, eles se queixam de não serem reconhecidos da mesma forma que alguns funcionários sem competências profissionais específicas (ver Nama, 1990).

Portanto, não é surpreendente notar que vários tradutores africanos prefiram trabalhar para organizações internacionais, como a União Africana (OUA) ou a ONU, onde geralmente recebem salários melhores e acabam alcançando posições administrativas de alto nível. Muitos tradutores africanos trabalham em agências de organizações internacionais, como UNICEF, UNESCO, FMI, FAO e Banco Mundial. Os julgamentos de crimes contra a humanidade relacionados ao genocídio de Ruanda, que ocorreram em Arusha, na Tanzânia, contaram com os serviços de vários tradutores e intérpretes de toda a África.

17

Existem também tradutores autônomos trabalhando em alguns países africanos. Esses tradutores, de modo frequente, atendem às necessidades de agências africanas de multinacionais ou a empresas locais do setor privado. Os governos raramente recorrem aos serviços de agências de tradução, pois já contam com tradutores entre os seus funcionários. A tradução autônoma é bastante lucrativa, mas não regulamentada, e tende a atrair um grande número de graduados de diversas áreas, sem formação específica em tradução. De fato, com a globalização do mercado, a *internet* e a nova tecnologia, a indústria linguística se desenvolveu muito além do trabalho tradicional do tradutor e abrange uma variedade de atividades relacionadas aos serviços de comunicação. Atualmente, encontram-se nela profissionais de informática, localizadores, terminólogos e especialistas em inteligência artificial. Tornou-se comum ver tradutores na África trabalhando pela *Internet* em contratos firmados por empresas ou agências fora da África.

### ***Associações profissionais***

A falta de reconhecimento da profissão de tradutor na África é, sem dúvida, relacionada à ausência de associações profissionais. Em Camarões, onde a profissão está mais desenvolvida devido ao *status* oficial de bilinguismo (inglês/francês) do país, ainda não existe uma

associação profissional para tradutores. Os esforços nesse sentido têm sido tacitamente desencorajados pelo governo, que também é o principal empregador no setor. A maioria dos governos africanos desconfia de grupos independentes que reúnem intelectuais, e os tradutores não são exceção. De fato, há bem poucas associações profissionais de tradutores na África, embora aquelas que tenham surgido tenham a tendência a se associar estreitamente a organismos internacionais de tradução e interpretação, como a FIT (Federação Internacional de Tradutores) ou a AIIC (Associação Internacional de Intérpretes de Conferência).

Em outubro de 1982, a FIT, em colaboração com a UNESCO, organizou uma reunião consultiva com profissionais na África, em Lomé, no Togo, com o objetivo de estudar os problemas da profissão específicos de africanos. A reunião ocorreu seis anos após o encontro dos ministros africanos da Educação em Nairóbi, em 1976, onde foram feitas algumas recomendações sobre a organização da profissão, a formação de tradutores e intérpretes, e questões terminológicas na África (uma lista completa das recomendações pode ser encontrada em Simpson, 1985, pp. 109–110). Essas reuniões tiveram um efeito benéfico sobre a profissão, conferindo-lhe um *status* oficial reconhecido pelos governos africanos. Recomendou-se, entre outras coisas, “a criação de associações de tradutores profissionais que deveriam se associar em estruturas regionais para intensificar sua ação” e “o reconhecimento pelos governos do *status* legal dos tradutores e sua proteção prescrita [...] nas recomendações de Nairóbi”.

Desde a reunião de 1982, o destino da tradução na África melhorou significativamente, embora o número de associações profissionais não reflita adequadamente o volume de trabalho realizado na África (Simpson, 1985, p. 106). Ihenacho (1987, p. 50) destaca a incapacidade das associações nacionais de tradutores na África subsaariana de mobilizar indivíduos e instituições para promover a profissão. Ele também lamenta a aparente falta de interesse das instituições governamentais, incluindo a CEDEAO, que, no entanto, está entre os maiores consumidores de tradução na África.

A Associação Nigeriana de Tradutores e Intérpretes (NATI) tem sido particularmente ativa tanto em nível nacional quanto internacional e tem encorajado diversas iniciativas locais, buscando proteção legal e reconhecimento para seus membros, além de organizar conferências anuais para promover os Estudos da Tradução e a pesquisa no continente africano.

A Associação de Tradutores da Tanzânia (Chama Cha Wafasari wa Tanzania - CHAWATA) foi fundada em 1982 e é membro da FIT. Esse grupo tornou-se o centro de tradução em suaíli para todo o continente e contribui de maneira significativa para o projeto terminológico mais ambicioso da África. Trata-se de um projeto conjunto entre o *Swahili*

---

*Research Centre* da Universidade de Dar es Salaam e o *National Swahili Council* (*Baraza la Kiswahili la Taifa* - BAKITA) na Tanzânia. Embora também aborde questões gramaticais, o principal objetivo do projeto é transformar o suaíli em uma língua da indústria e da tecnologia. Um comitê do BAKITA é responsável por padronizar e normalizar a terminologia e a gramática, e suas recomendações são publicadas na principal publicação da organização, *Tafsiri Sanifu* (Bgoya, 1987, pp. 224–231).

A história da tradução na África é bastante longa e complexa, abrangendo períodos-chave da história da humanidade que marcaram a evolução desse continente. É evidente que não é possível abordar a grande riqueza de uma história que se estende por séculos em um artigo desta extensão. No entanto, trata-se de uma história marcada por influências internas e externas, uma narrativa rica e complexa em todos os aspectos que merece a atenção tanto dos profissionais da tradução quanto dos historiadores.

## REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, R. (1967). *A Study of West African Languages*. Ibadan: Ibadan University Press.
- BASCOM, W. R. (1964). "Folklore Research in Africa". *The Journal of American Folklore*, 77(303), 12-31.
- BASCOM, W. R. (1965). "The forms of Folklore: Prose Narratives". *The Journal of American Folklore*, 78(307), 69.
- BGOYA, W. (1987). "Books and their Reading in Tanzania. UNESCO Studies on Books and Readings". *Babel*, 33(4), 224-231.
- DANQUAH, J. B. (1928). *Gold Coast: Akan Laws and Customs*. London: Oxford University Press.
- DELISLE, J., & J. Woodsworth (éds.). (1995). *Les traducteurs dans l'histoire*. Ottawa : Presses de l'Université d'Ottawa/Éditions UNESCO.
- DIOP, C. A. (1955). *Nations nègres et culture*. Paris : Présence Africaine.
- DIOP, C. A. (1974). *The African Origin of Civilization: Myth or Reality?*. New York: L. Hill.
- FINNEGAN, R. (1970). *Oral Literature in Africa*. Oxford: Clarendon Press.
- GÉRARD, A. (1986). *European-Language Writing in Sub-Saharan Africa* (vol. I and II). Budapest: Akadémiai Kiado.

- 
- GREENBERG, J. (1955). *Studies in African Linguistic Classification*. Bloomington: Indiana University Press.
- HAMILTON, R. (1975). *Voices from an Empire: A History of Afro-Portuguese Literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- IHENACHO, A. (1985). "Translators and Aspects of Non-Literary Translation". In H. Bühler (ed.), *Translators and their Position in Society, Proceedings of the Xth World Congress of FIT*. Vienna, Wilhelm Braumüller.
- IHENACHO, A. (1988). "How can Translation Play its Role Effectively in West Africa?". In P. Nekeman (ed.), *Translation, Our Future, XIth World Congress of FIT*. Maastricht, Euroterm.
- KRUGER, A. (ed.). (1994). *New Perspectives on Teaching Translators and Interpreters in South Africa*. Department of Linguistics, University of South Africa.
- MHINA, G. A. (1970). "The Place of Kiswahili in the Field of Translation". *Babel*, 16(4), 188–196.
- MVENG, E. (1980). *L'art et l'artisanat africains*. Yaoundé: Éditions Clé.
- NAMA, C. A. (1990). "A History of Translation and Interpretation in Cameroon from Precolonial Times to Present". *Meta*, 35(2), 256–369.
- NAMA, C. A. (1993). "Historical, Theoretical and Terminological Perspectives of Translation in Africa". *Meta*, 33(3), 414–425.
- OKPEWHO, I. (1992). *African Oral Literature: Backgrounds, Character and Continuity*. Bloomington: Indiana University Press.
- SENGHOR, L. S. (1956). "L'esprit de la civilisation ou les lois de la culture négro-africaine". *Présence africaine*, juin-novembre.
- SIMPSON, E. (1985). "Translation Problems of African Countries". In H. Bühler (ed.), *Tenth World Congress of FIT: Translators and Their Position in Society*. Vienna: Braumüller.
- VANSINA, J. (1985). *Oral Tradition as History*. Madison: University of Wisconsin Press.
- WOODSWORTH J. & DELISLE, J. *Os tradutores na história*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.

---

<sup>1</sup> N.T.: O autor concedeu a autorização para tradução e publicação da tradução em troca de e-mails com a revisora, professora Patricia Chittoni Ramos Reuillard, em 19/02/2024. O artigo foi publicado originalmente na revista *Meta*, sendo a publicação da tradução autorizada por Sandra Soucy, diretora de produção e administração da *Les Presses de l'Université de Montréal*, detentora dos direitos de publicação e reprodução dos artigos publicados pela revista *Meta*, em 4 de julho de 2025.

---

Bandia, Paul F. (2005). Esquisse d'une histoire de la traduction en Afrique. *Meta*, 50(3), 957–971. <https://doi.org/10.7202/011607ar>

<sup>2</sup> A versão em inglês, *Translators through History*, é publicada por John Benjamins Publishers.

N.T.: A versão em português foi publicada pela editora Ática, em 1998. Delisle, J., & Woodsworth, J. (1998). *Os Tradutores na História* (S. Bath, Trad.). Editora Ática.

<sup>3</sup> Veja, entre outros, os artigos sobre Camarões, Nigéria, África Oriental, África do Sul, África lusófona e África francófona publicados em *Meta*, *Babel* ou *TTR*.

<sup>4</sup> Consulte os trabalhos de Cheikh Anta Diop, *Antériorité des civilisations nègres: mythe ou vérité historique?*, Paris, Présence Africaine, 1967.

<sup>5</sup> N.T.: A expressão “África Negra” tem suas raízes na história da colonização europeia, quando as potências coloniais usavam categorias raciais para justificar a exploração e a subjugação das populações locais. O termo foi historicamente associado a noções prejudiciais de inferioridade e é frequentemente usado de maneira imprecisa para se referir a uma vasta e diversificada área que inclui uma multiplicidade de culturas, línguas e grupos étnicos. Por essa razão, no Brasil preferimos usar “África Subsaariana”, pois assim referimo-nos à região do país e não ao povo que poderia habitar naquele espaço, a fim de quebrar os estereótipos que generalizam a diversidade cultural, étnica e racial da região.

<sup>6</sup> N.T.: Os malês eram um grupo de origem nagô praticantes da religião muçulmana e falantes da língua árabe. Muitos deles se destacavam por suas habilidades para a prática do comércio e a administração de pequenos negócios. Eram um grupo de escravizados urbanos, mas tinham liberdade relativa para praticar seus negócios de forma autônoma.